

**QUANDO ME DESCOBRI NEGRA: MULHERES NEGRAS E A
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO LIVRO DE BIANCA SANTANA**

Patricia Raquel Lobato Durans Cardoso (duranspat@gmail.com)

A literatura de autoria feminina é um ramo da literatura que ainda enfrenta muitos desafios no que concerne à participação desproporcional de autoras na prática literária, assim como o seu reconhecimento na historiografia literária diacrônica e sincronicamente. O campo literário assume sua dimensão política, para além de artística, e reproduz preconceitos incutidos na sociedade, sendo uma atividade excludente, que deixa à margem mulheres, negros, pobres, homossexuais e grupos minoritários, além de reificar estereótipos e promover o racismo. Com o objetivo de pensar essas relações de poder e perceber como essas relações de instabilidade política e desigualdade social se ancoram no texto literário, o presente artigo constrói uma leitura do livro Quando me descobri negra, de Santana (2018), a partir da noção de identidade, construída por diferentes pensadores como Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes e Stuart Hall. A análise tem como aporte a crítica literária feminista e o feminismo negro, a fim de pensar o texto literário de autoria feminina negra como um potente instrumento político que evoca a ancestralidade e pode promover a construção da identidade negra. O livro Quando me descobri negra conta uma história do povo preto por meio de um olhar negro, mostra uma autora negra escrevendo suas dores, é ao mesmo tempo dor e denúncia, existência e resistência. Conforme Constância Duarte (2018, p. 3), é uma escrita de dentro (e fora) do espaço marginalizado, contaminada de angústia coletiva e é porta-

voz da esperança de novos tempos, é ao mesmo tempo “projeto político e social, testemunho e ficção”, dotada de escrevivência, que conforme Conceição Evaristo (2007, p.19), “não pode ser lida como histórias para ‘ninar a casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”